

ANOTAÇÕES ACERCA DAS CATEGORIAS SOCIOLINGÜÍSTICAS E ALGUMAS NOTAS A RESPEITO DOS FALARES DOS PERSONAGENS DOS “DESVALIDOS”

NASCIMENTO, Margarida Maria de Araújo.

marga-rida@ig.com.br

ABREU, Ricardo Nascimento. (Orientador)

Graduado em Letras Português/Inglês UNIT. Especialista em Lingüística Textual UFRJ.

Mestrando em Educação – UFS. Professor do curso de Letras da

Universidade Tiradentes

tenascimento@infonet.com.br

RESUMO

Este trabalho de pesquisa se inclinará no estudo dos falares dos personagens do livro “Os Desvalidos” de Francisco Dantas, autor sergipano que retrata o sofrimento de um povo que vive no sertão de Sergipe e sofre as amarguras da seca e a perseguição das volantes do cangaço, tendo por seu chefe maior Lampião. Perceberemos durante a pesquisa o desaparecimento e as transformações de algumas palavras usadas por esses personagens e muitas vezes até mesmo pelo autor que durante a narrativa se identifica com os personagens. Nesta pesquisa tenho o objetivo de perceber as mudanças na língua, pois esta não é estática e sim dinâmica e como de uma maneira ou de outra analisarmos a maneira de falar dos personagens, se de forma normal ou preconceituosa. Conheceremos o ponto de vista de alguns sociolingüísticos e lingüísticos em relação as causas e conseqüências que sofre a língua, levando-se em consideração os diversos tipos de variação. Como por exemplo o local, o tempo(cronológico) e a condição sócio-econômica do falante. Outro ponto relevante são os preconceitos que sofrem as pessoas menos cultas e que moram em subúrbios e comunidades rurais, que não falam dentro da norma culta, conceituada pelos gramáticos.

Palavras-chave: Variação. Língua. Preconceito. Léxico. Sociolingüística.

1. INTRODUÇÃO

A Língua Portuguesa é uma das línguas mais difundidas do mundo, falada aproximadamente por 210 milhões de pessoas, sendo superada apenas pela chinesa, a inglesa, a espanhola, a hindu, a russa e a árabe. No Brasil é a língua falada por cerca de 167 milhões de pessoas, tornando-se assim língua materna, oficial e de cultura.

Ao começar o século XXI, observa-se no português do Brasil elementos sociolingüísticos próprios de uma língua em uso. Essa pesquisa pretende estudar os aspectos sociolingüísticos dos falares dentro do livro “Os Desvalidos” de Francisco Dantas. A narrativa acontece no sertão de Sergipe, estado da região nordeste, numa época na qual reinava o cangaço e muita miséria (final dos anos 30, a publicação da obra foi em 1993). O autor, que é sergipano, por diversas vezes se envolve com os personagens e assume para si a forma de falar daquelas pessoas.

Existem diferenças lexicais nas diversas regiões do país, falamos a mesma língua, mas com diferenças detectáveis. Numa mesma língua um mesmo vocabulário pode apresentar significados diferentes, ao tempo em que pode ser pronunciado de formas diferentes. Isto que durante séculos era identificado como um processo de putrefação lingüística, fruto do seu afastamento das normas cultas, atualmente é visto como um processo natural de evolução lingüística, reflexo da heterogeneidade cultural das regiões geográficas do Brasil e da capacidade criativa do povo.

A maneira de falar de um povo em um determinado momento da história é único, e com o passar dos anos, a língua que não é estática, passa por transformações. O problema não será saber se falamos certo ou errado, desde que tenhamos consciência de que a linguagem humana não é um ente estático e que por isso ela evolui.

A pesquisa a qual me propus demonstra claramente que a forma de falar dos personagens dos Desvalidos é a demonstração cultural da situação na qual estão inseridos. Sobre isso Labov (1994) fala que apresentamos atitudes diferentes diante da fala em lugares diferentes, também nos posicionamos diante de modos de falar correlacionados a fatores sociais, tais como escolaridade e nível econômico. As atitudes lingüísticas não estão delimitadas apenas por fronteiras geográficas, porém também por fronteiras sociais. Labov afirma ainda que língua e a sociedade são duas realidades que se inter-relacionam de tal modo que é impossível conceber-se a existência de uma sem outra. Então nos Desvalidos não é evidente só o fato de ser passado no sertão sergipano região nordeste, mas a condição social das personagens.

A língua nunca está pronta dizia Coseriu (1979), ela é sempre algo por refazer. A cada geração, ou mesmo em cada situação de fala, cada falante recria a língua. Dessa forma, ela sujeita a alterações nessa recriação. Por outro lado depende de uma tradição, já que cada falante diz as coisas de determinada maneira em grande parte por que é daquela maneira que se habituou dizer. Há então um delicado jogo de continuidade e de inovações, estas sempre em menor número.

É sempre bom lembrar que podem haver fatores de duas espécies que favoreçam ou dificultem a mudança: fatores estritamente lingüísticos e fatores extralingüísticos. Os fatores lingüísticos se relacionam à forma como a língua está organizada, como funciona o seu sistema, quais são seus elementos, suas regras, etc. Os fatores extralingüísticos relacionam-se à forma como a língua está inserida na sociedade.

Bagno (1999) afirma em seu “Preconceito lingüístico”, que existe um preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, e também contra a fala característica de certas regiões. É claro que eles falam português, uma variedade de português não-padrão, com sua gramática particular, que no entanto não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português-padrão ou mesmo daqueles que, não falando o português-padrão, o tomou como referência ideal.

É a Sociolingüística que nos mostra que os falantes de uma mesma língua apresentam diferenças nos seus modos de expressão oral de acordo com o lugar geográfico onde estão (**variação diatópica**), de acordo com a situação social de fala, ou registro (**variação diafásica**), ou ainda de acordo com o nível socioeconômico do falante (**variação diastrática**). Em “Os Desvalidos” percebemos essa variação diastrática entre os personagens devido o nível social em que estão inseridos, miseráveis, sem linguagem culta, morando no sertão sergipano (que é sem dúvida uma variação diatópica).

De acordo com Bell (1997), a fala constitui-se um dos maiores desafios no estudo da variação sociolingüística. O princípio básico é o que nenhum falante utiliza a língua da

mesma forma em todas as ocasiões, o que implica a escolha entre várias possibilidades de expressão. Ressalte-se que numa situação comunicativa, o estilo pode fornecer mensagens indicativas da escolaridade, origem e classe social dos falantes. Esses aspectos são muito relevantes sob uma perspectiva social: a função da língua de estabelecer contatos sociais e o papel social, por ela desempenhado, de transmitir informações sobre o falante constituem uma prova cabal de que existe uma íntima relação entre língua e sociedade.

Essa relação, porém, é muito mais profunda do que se imagina. A própria língua como sistema acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete de certo modo os padrões de comportamento, que variam em função do tempo e do espaço. Ninguém duvida de que a classe social a qual pertence o indivíduo exerce fortes influências em seu modo de falar. É bastante fácil apontar exemplos de variantes lingüísticas usadas preferencialmente numa determinada classe e isso pode ser objeto de estudo empírico. As classes mais desfavorecidas no Brasil são aquelas em que o índice de analfabetismo é mais alarmante. O que não significa que, inversamente, toda pessoa com instrução superior pertença aos estratos mais elevados da sociedade.

2 –ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO CORPO DOS PERSONAGENS DE “OS DESVALIDOS”.

Dentre os personagens dos “Desvalidos” nota-se que em sua maioria são masculinos, só existindo de maior ênfase o personagem “Maria Melona”, que passa a ser mulher de Filipe, tio de Coriolano.

Na sua maioria eles estão na fase adulta de suas vidas e conhecem pouco das letras, ditos pessoas não cultas. Somente de maneira visível o autor-narrador fala da cultura de Coriolano. Na página 28, no capítulo 3 do livro, em um diálogo com um representante de remédios, ele deixa escapar a seguinte frase em relação a Coriolano: “E um rapaz estudado como o senhor não desperdiçar a ocasião (...)”.

Já na página 29 do capítulo citado acima, o autor delinea as atividades culturais de Coriolano, dizendo ele: ...”Coriolano se dana a ler as brochuras de histórias em prosa e verso, que apenas folheadas e paparicadas, há anos o aguardavam, amontoadas em poeira...”

Somente desse personagem faz tal referência o autor, podemos afirmar que o linguajar utilizado por eles era costumeiro e normal. E para quem ler o livro hoje precisa pesquisar para achar os seus significados.

Algumas palavras são curiosas e chamaram nossa atenção no decorrer da pesquisa. Descobrimos que sofreram algumas alterações, variações ou foram extintas na forma escrita e oral. Por exemplo existe a palavra “esfaimado” que significa uma pessoa faminta, essa palavra

sofreu uma alteração, atualmente dizemos esfomiada. Outra palavra é “transatontem” que significa o dia anterior ao de ontem , hoje dizemos anteontem.

Em um diálogo entre Maria Melona e Coriolano eles se expressam usando duas palavras que aconteceu uma variação histórica que são “donde” que se transformou em “aonde” e “vosmecê” que ficou “você”.

Em alguns momentos do livro, o autor cita situações e personagens como um conhecedor das letras que sem dúvida o é, porém em outros momentos ele se confunde com o falar dos personagens que moravam naquele lugar, porque ele passa por variação que podemos chamar de diatópica, pois se remete ao lugar que acontece a narrativa.

Os falares usados pelos personagens dos “Desvalidos” sofreram algumas modificações, contudo eram comuns na época e naquela região, onde aconteceu o episódio. Essa pesquisa se deteve em especial no tocante ao léxico, não podendo assim detectar em alguns momentos o modo e o ponto de articulação dos fonemas usados no decorrer da narrativa.

Se os usos variam geograficamente, socialmente e historicamente, a norma espontânea varia da mesma maneira: não se tem as mesmas atitudes lingüísticas na burguesia e na classe operária. Crer que há um modo prestigioso de falar a própria língua implica, quando alguém pensa não possuir esse modo de falar, tentar adquiri-lo. É por considerar o próprio modo de falar como pouco prestigioso que a pessoa tenta imitar, de modo exagerado, as formas prestigiosas.

A hipercorreção pode ser percebida como ridícula por aqueles que dominam a forma legítima e que, em contrapartida, vão julgar de modo desvalorizador os que tentam imitar uma pronúncia valorizada. A mesma língua pode ser pronunciada diferentemente, ou ter um léxico diferente em diferentes pontos do território.

Labov (1978) escreve: “Em muitos aspectos, os membros da classe trabalhadora surgem como falantes mais eficientes que muitos membros da classe média que chicaneiam, paroleiam e se perdem em uma multidão de detalhes sem importância”, ele se torna simplesmente vítima de sua ideologia.

Segundo Bagno (1999), o fato de Brasil o português ser a língua da imensa maioria da população não implica, automaticamente, que esse português seja um bloco compacto, coeso e homogêneo. Na verdade, como costume dizer, o que habitualmente chamamos de “português” é um grande “balaio de gatos”, onde há gatos dos mais diversos tipos: machos, fêmeas, brancos, pretos, malhados, grandes, pequenos, adultos, idosos, recém-nascidos, gordos, magros, bem-nutridos, famintos, etc. Cada um desses “gatos” é uma variedade do português brasileiro, com sua gramática específica, coerente, lógica e funcional.

A variante existente hoje no português do Brasil, que nos permite conhecer uma pluralidade de falares é fruto da dinâmica populacional e da natureza do contato dos diversos grupos étnicos e sociais nos diferentes períodos da nossa história. São fatos dessa natureza que demonstram que não se pode pensar no uso de uma língua em termos de “certo” e “errado” e em variante regional “melhor” ou “pior”, “bonita” ou “feia”. No ensino da língua escrita, contudo, procura-se neutralizar as marcas identificadoras de cada grupo social, a fim de atingir um padrão único abstrato e idealizado que seja supranacional. O paradoxo está em

que cada falar, mesmo o culto, tem sua norma, variantes que prevalecem estatisticamente, mas que não anulam a ocorrência de outras.

As autoras Leite e Callou, no livro “Como falam os brasileiros”, 2004, dizem que para o português do Brasil, as vogais pretônicas, grafadas **e** e **o**, estabelecem a linha divisória entre os falares do Norte, que em geral optam pela realização aberta, e os falares do Sul, que geralmente optam pela realização fechada.

Fernão Candim, um dos nossos primeiros cronistas, menciona em 1584, 68 dialetos distintos do tupinambá que se estendiam por uma área correspondente aos estados de Sergipe, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro aproximadamente, sem levar em consideração a fala dos negros que aqui chegaram para servir como escravo, nessa região.

Os hospedeiros dos portugueses, os tupinambás, conviviam bem com a variação e a heterogeneidade, já que sua sociedade não tinha como critério classificatório o bem ou o mal falar, que dirá o bem ou mal escrever. Mas chegara também com Cabral uma sociedade portuguesa estratificada, em que prevaleciam juízos de valor sobre a linguagem. E hoje legisla-se sem real conhecimento da complexidade dos fatos que caracterizam cada falar. Elege-se um padrão supranacional, do mesmo modo como se institucionalizou uma língua indígena como língua geral.

O uso de uma língua envolve, contudo aspectos ideológicos e o preconceito que existe em relação a determinadas variedades é equivalente a outros, como o social, o religioso e o racial. O domínio de um português padrão é privilégio reservado a poucos membros de uma elite econômico-social que, assim, assegura o seu poder e sua primazia político-cultural.

A variação dialetal não é apenas privativa dos níveis populares, mas de todos os níveis em que exista diferenciação, e os atlas lingüísticos, com sua ênfase na fonética e no vocabulário, e calcados apenas no falar de iletrados, não poderiam, por si só, dar conta dessa imensa diversificação.

Marcos Bagno (1999), diz que a fala nordestina nada tem de “engraçada” ou “ridícula”, vamos fazer uma pequena comparação. Na pronúncia normal do Sudeste, consoante que escrevemos T é pronunciada [ts] (como tcheco) toda vez que é seguida de um [i]. Esse fenômeno fonético se chama palatização. Por causa dele, nós, sudestinos, pronunciamos [tsitsia] a palavra escrita titia. E todo mundo acha isso perfeitamente normal, ninguém tem vontade de rir quando um carioca, mineiro ou capixaba fala assim.

Quando, porém, um falante do Sudeste ouve um falante da zona rural nordestina pronunciar a palavra escrita oito como [oytsu], ele acha isso muito engraçado, ridículo ou errado. Ora, do ponto de vista meramente lingüístico, o fenômeno é o mesmo palatização - , só que o elemento provocador dessa palatização, o [y], está antes do [t] e não depois dele.

Então, se o fenômeno é o mesmo, por que na boca de um ele é “normal” e na boca de outro ele é “engraçado”, “feio” ou “errado”? Porque o que está em jogo aqui não é a língua e a região geográfica onde essa pessoa vive. Se o Nordeste é “atrasado”, “pobre”, “subdesenvolvido” ou (na melhor das hipóteses) “pitoresco”, então, naturalmente, as pessoas que lá nasceram e a língua que elas falam também devem ser consideradas assim...

Labov (1972) observou que os dialetos rurais podem transformar-se em dialetos de classe nas zonas metropolitanas, como decorrência da migração dos falantes rurais para as ocupações urbanas de menor prestígio. É fato que, quando um homem do campo chega à cidade, com frequência sua fala regional é ridicularizada. Em conseqüência, pode ocorrer uma transformação rápida dos traços mais evidentes dos dialetos rurais, quando seus falantes passam a habitar nas cidades.

Para Labov (1994), toda a língua apresenta variação, que é sempre potencialmente um desencadeador de mudança. Como a mudança é gradual, é necessário passar primeiro por um período de transição em que há variação, para em seguida ocorrer mudança. Como a mudança e a variação estão estreitamente relacionadas, é muito difícil estudar uma sem estudar a outra.

No caso das palavras “donde” e “vosmecê” encontradas no livro estudado, sofreram uma variação e por fim uma mudança para “aonde” e “você”.

A língua escrita não reflete todas as mudanças que ocorrem na língua falada. A língua escrita vem normalmente a reboque das mudanças ocorridas na língua falada, havendo freqüentemente uma defasagem entre o aparecimento de mudanças na língua falada e o momento em que elas passam a ser aceitas ou pelo menos toleradas na língua escrita.

Francisco Dantas, autor de “Os Desvalidos” apesar de culto, mergulha na estória não só para narrar toda aquela trama, mas é envolvido pela forma de vida e pela maneira de falar dos personagens. Nessa narrativa ele tenta diminuir o preconceito, com certeza existente, em discriminar toda forma de se expressar do povo nordestino, em destaque o povo do sertão de Sergipe, enfocando alguns vocábulos que sofreram modificações e variações.

Essas variações dependem do lugar, idade e grupo social que os falantes estão inseridos. O autor em nenhum momento do texto se refere de maneira diferente ao linguajar dos personagens, pois precisa transmitir de forma precisa e coesa todo aquele destino que era cumprido por aquele povo que residia naquele lugar. Para isso necessário que ele (o autor) fosse inserido no contexto, através da semelhança no falar.

Segundo Bagno (1999), há cientistas que se dedicam especificamente a estudar as diferenças, semelhanças, inter-relações e interações que existem entre a língua falada e escrita. O ensino tradicional da língua, no entanto, quer que as pessoas falem sempre do mesmo modo como os grandes escritores escreveram suas obras. A gramática tradicional despreza totalmente os fenômenos da língua oral, e quer impor a ferro e fogo a língua literária como a única forma legítima de falar e escrever, como a única manifestação lingüística que merece ser estudada.

3 - CONCLUSÃO

Com a finalização dessa pesquisa posso afirmar que a forma de falar das pessoas nunca está totalmente certa ou errada, isso vai depender do lugar, tempo e condição social na qual essas pessoas estão inseridas. Se para o tempo cronológico algumas formas de falar está certa, em outro tempo essas mesmas formas podem estarem ultrapassadas.

A língua não é estática, é dinâmica e acontece variações, transformações e eliminações de alguns vocábulos. A linguagem, qualquer linguagem, é um meio de comunicação e que deve ser julgada exclusivamente como tal.

Talento, que também não tem nada a ver com gramática. Pode-se conhecer muita regra, saber a língua mais culta, formalizada, e não ser um artista da língua, não conseguir surpreender, iluminar, divertir, comover, não passar do trivial.

O talento de bem falar e escrever tem a ver, sim, tem tudo a ver com a gramática. Mas com a gramática natural, o sistema de regras que os falantes internalizam ouvindo e falando.

Um bom escritor moderno é mais modelar para o aluno, por que exemplifica a língua atual. Não há propriedade privada no mundo das palavras. Elas são de todos,

propriedade pública. Mais exatamente: as palavras são do povo, vivem na boca do povo, soma de todas as camadas sócio-econômico-culturais.

Os mais sucedidos escritores, por outro lado, são os que conseguem falar ao povo, não necessariamente na variedade de língua própria das camadas menos privilegiadas, mas com clareza e fluência, de modo que todos possam entender.

Literatura é também coisa do povo, com suas lendas, provérbios, canções- e a língua, o arado com que ele lavra suas sentenças cotidianas, suas frases humildes.

As línguas existem para com elas praticarmos a comunicação e interpretarmos o mundo. Não deve surpreender que os jovens saiam da escola convictos de que a língua é coisa complicada. Convicção escolar que permanece na idade adulta, mesmo entre pessoas de cultura. Dominam a sua língua desde crianças, falam fluentemente, mas assustam-se assim que as interpelamos ou pomos em dúvida sua segurança. Intimidam-se, dizem: “Não sei português, é a língua mais difícil do mundo”.

Em suas mentes ‘saber português’ é trazer de cor muitas e muitas regras de gramática. E convence o falante nativo de que ele não sabe a língua que fala, nem saberá nunca, pois saber gramática (dominar regras intuitas, internalizadas) passou a confundir-se com saber gramática (conhecer regras explícitas, em geral mal explicitadas).

Parece explicado por que a gramática, na versão escolar de aulas de Português, é tão desamada, detestada mesmo, pela maioria dos jovens. Não só é difícil amá-la; é preciso defender-se dela para resguardar o direito de se expressar natural e livremente.

Já existem professores e escolas remando poderosamente, com êxito mudando o ensino do Português, ousando aplicar as novas idéias, relegando o método gramaticalista a um segundo plano, e sobrepondo a ele um ensino prático, crítico e criativo. Os frutos desse trabalho pioneiro são alentadores: os alunos gostam das aulas de Português, escrevem com desembaraço, manejam seu instrumento de expressão com segurança e até com originalidade; e, embora talvez saibam menos regras do que os submetidos ao ensino tradicional, saem-se muito melhor em provas e concursos que testam se o candidato sabe a língua e não se sabe regras. Não tem importância trazer de cor regras explícitas: não creio que todos os nossos bons escritores, fossem aprovados num teste de Português à maneira tradicional; e no entanto, são eles os senhores da Língua.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos : Preconceito lingüístico. O que é, como se faz.
Edições Loyola, São Paulo, Brasil. 1999.

MONTEIRO, José Lemos, 1944 – Para compreender Labov/ José Lemos Monteiro. –
Petrópolis RJ: Vozes, 2000.

LEITE, Yonne, 1935-
Como falam os brasileiros/ Yonne Leite, Dinah Callou. – 2:ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar
Ed., 2004.

CALVET, Louis – Jean
Sociolingüística: uma introdução crítica/ Louis – Jean Calvet; tradução Marcos Marcionilo.
São Paulo: Parábola, 2002.

STORIG, Hans Joachim. A aventura das línguas: uma história dos idiomas do mundo.
São Paulo : Melhoramentos, 2004.

**CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA DAS PALAVRAS ENCONTRADAS
NO ROMANCE “OS DESVALIDOS”.**

Substantivos	Adjetivos	Verbos	Advérbios
ameia	freme	atroar	transatontem
fornida	árdego	arranchou	frialdade
adunca	perrengue	vagidos	esfaimado
embeleco	caturra	repimpado	
ademanes	probo	encastoar	
pachorra	puído	arejo	
pua	desenxabido	adjutorar	
ventoinha	gaforinha	aboletou	
manopla	adunca	amainar	
bulicio	maganão	malsinado	
pabulagem	esconso	ensimesmado	
sinecura	finório	enervava	
usança		carpir	
regougo		banzava	
ronha		propalada	

SIGNIFICADO DE ALGUMAS PALAVRAS ENCONTRADAS NO LIVRO “OS DESVALIDOS” E OS PERSONAGENS QUE FAZ USO DESSES VOCÁBULOS.

Trasatontem – o dia anterior ao de anteontem. O narrador quando fala da morte de Lampião que no dia anterior ao de anteontem era gabado.

Atroar – fazer estremecer. É usado pelo próprio narrador.

Maganão – indivíduo engraçado. É usado por Coriolano.

Pua – ponta aguda. Narrador fala em relação a Maria Melona.

Esfaimada – faminto. O narrador fala da dança de Maria Melona.

Ventoinha – lâmina móvel de catavento. É o que se falava de Maria Melona onde ela passava.

Frialdade – qualidade ou estado de frio. Filipe no que se refere a falhar com Maria Melona.

Finório – que é esperto. Dizia-se de Filipe.

Aboletou – alojou. Comportamento de Maria Melona.

Carpir – lastimar, arrancar. Coriolano lastimava a sina que herdara do seu pai.

Esconso – oculto, escondido. Adjetivo dado para descrever o Aribé.

Perrengue – covarde, medroso. Falando do cavalinho do pai de Coriolano.

Probo – de caráter íntegro. Seria de caráter íntegro quem acabasse com o cangaço.

Propalada – divulgada. Personalidade de Mestre Cantílio, por tirar aumento de um tudo.

Enervava – gestos, acenos. Coriolano na tentativa de decidir se ia ou ficava naquela terra tão seca.

Banzava – pensava. Atitude de Coriolano dentro de casa.

Desenxabidos – sem graça. Coriolano e Filipe olham um para o outro sem graça.

Pabulagem – fanfarrice. Sujeito (Zerramo) sem fanfarrices.